

O EXEMPLUM DO RAP: A RETÓRICA DOS RACIONAIS MC'S

Fernanda Scopel Falcão
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: Verifica as características formais, conteudísticas e funcionais do *exemplum* utilizado pelos Racionais MC's em seu rap "Capítulo 4, versículo 3".

Eu tenho uma bíblia velha, uma pistola automática e um sentimento de revolta. Estou tentando sobreviver no inferno.

Racionais MC's

O rap do grupo paulista Racionais MC's é muito conhecido por sua virulência verbal grotesca, porque nele se misturam e se opõem uma multiplicidade de vozes, discursos e registros de linguagem – do uso do palavrão e do vocabulário do crime à citação de frases latinas e bíblicas. Essa produção, em que encontramos notáveis processos de elaboração poético-musical e construção textual-discursiva, é – por mais que muitos críticos costumem rotulá-la de “lixo musical” – uma das modalidades populares¹ da produção poético-musical contemporânea no Brasil, na sua vertente engajada, de protesto, mas com intenção mais messiânica que revolucionária, sobretudo depois dos dois últimos álbuns lançados (*Sobrevivendo no inferno* (1997) e *Nada como um dia depois de outro dia* (2003)). Se nos CD's anteriores a estes, a mensagem funcionava como denúncia e crítica social,² após o de 1997 o discurso torna-se declarada e violentamente messiânico:

¹ Tomaremos o “popular” tal como o define Peter Fry nas suas “Notas sobre a desconstrução do ‘popular’”. Para Fry, o que define o popular é a dialética cultural em que há “relações que colocam a cultura popular em tensão contínua (de relacionamento, influência, e antagonismo) com a cultura dominante”. FRY, Peter. Notas sobre a desconstrução do “popular”. In: _____. *A persistência da raça: ensaios antropológicos sobre o Brasil e a África austral*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 257.

² NETTO, José Apóstolo. Dos Racionais aos Emocionais emecis: um olhar marginal da relação música, favela e dinheiro. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br/027/27cnetto.htm>>. Acesso em: 15 jul. 2006. p. 1.

“A profecia se fez como previsto: um, nove, nove, sete depois de Cristo, a fúria negra ressuscita outra vez: Racionais, capítulo 4, versículo 3”.³ José Apóstolo Netto, no artigo “Dos Racionais aos Emocionais emecis: um olhar marginal da relação música, favela e dinheiro”, ao comentar essa transformação, mostra que no discurso desses *rappers* “o céu e o inferno, Deus e o Djabo travam uma luta sem trégua na consciência do periférico, que vivendo no mundo das incertezas e simulações não visualiza outra saída senão a de cuidar de si e dos parceiros de batalha”.⁴

É assim que os Racionais tomam para si a missão de salvar os seus “manos” de periferia, afastando-os do mundo das drogas e do crime; para tanto, tomam como arma a palavra: seus rap’s são discursos persuasórios que pregam a conscientização sociopolítica e a valorização da cultura negra, o que – na concepção do grupo – só ocorrerá com o fim do tráfico e do consumo de drogas, que transformam os jovens em viciados e doentes, inofensivos e incapazes frente ao sistema político: esses garotos, em vez de se ocuparem com estudo, trabalho, formação cultural e política, envolvem-se com as drogas e, para pagá-las (ou também para adquirir os artigos da moda, veiculados apelativamente pela mídia), acabam por se tornar “aviões” ou “falcões”.

Para convencer seu público, os Racionais lançam mão de recursos múltiplos. O linguajar, considerado fora do padrão estético pela crítica purista, é um deles; ainda que citem frases em latim, intertextualizem com letras e melodias (re)conhecidas, utilizam prioritariamente a linguagem da favela, pois querem ser ouvidos – e entendidos – pelos seus “manos” de periferia. Essa linguagem foge do português-padrão, elitista, justamente para marcar o caráter reacionário do seu discurso; afinal, se “a revolução tem de começar por dentro, pela própria forma”,⁵ “não se pode denunciar nada se o fazemos dentro do sistema a que pertence o denunciado”.⁶ Os Racionais, então, não poderiam contrariar o sistema capitalista, branco, classe média, assumindo a mentalidade e o vocabulário que derivam dessa realidade; assim, reutilizam esse material discursivo de forma a deturpá-lo e amalgamá-lo, criticamente, às formas e vivências da periferia.

Nessa mistura polifônica, contrastam dialogicamente o vocabulário da luta armada (“Eu tô em cima, eu tô a fim, um, dois pra atirar”, “minha

³ RACIONAIS MC’S. Capítulo 4, versículo 3. In: RACIONAIS MC’S. *Sobrevivendo no inferno*. São Paulo: Cosa Nostra, 1997. 1 CD, faixa 3.

⁴ 4 NETTO, op. cit., p. 1, nota 2.

⁵ COUTINHO, Eduardo F. A narrativa contemporânea das Américas: uma narrativa síntese. In: VASSALO, Lígia (Org.). *A narrativa ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: 1984. p. 180.

⁶ CORTÁZAR *apud* COUTINHO, op. cit., p. 180, nota 5.

palavra vale um tiro eu tenho muito munição”, “um rap venenoso é uma rajada de PT”⁷, os pastiches publicitários (“A primeira faz bum, a segunda faz pá”)⁸ e, predominantemente, a referência religiosa, cristã, e por vezes sincrética. A forte aproximação do discurso dos Racionais com o discurso religioso não se dá por acaso. Em primeiro lugar, se buscarmos as origens do rap, deveremos remontar à poesia africana,⁹ em que o compromisso com a palavra “nunca seria jogo, arte pela arte, porém *nommo*, ou seja função”.¹⁰ Tal como no grupo paulista, a palavra-cantada dos cantadores e *griots* (contadores de histórias) africanos tem por função primordial “a iniciação e a didática, pois sua missão é transmitir os valores tradicionais de ordem estética, técnica, social, ética, religiosa e humana”.¹¹

Voltando à contemporaneidade, também podemos relacionar a referência religiosa, messiânica presente em suas letras ao discurso dos movimentos sociais paulistas das décadas de 70 e 80, que tiveram intensa influência da Teologia da Libertação pregada nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s)¹², o que “demonstra muito claramente a herança de duas décadas de política inspirada na igreja católica progressista”¹³. Contudo, essa influência não se restringe a esse grupo; de acordo com Goetz Ottmann, no ensaio “Entre a fluidez e a unidade: o que é local no Hip-Hop brasileiro?”, toda a cultura Hip-Hop de São Paulo “contém uma multidão de símbolos políticos e religiosos populares reelaborados, assim como modos de ação coletiva empregados durante as duas décadas anteriores”.¹⁴

Tudo isso, somado aos embates sociais que caracterizam o popular, o periférico, certamente colabora para uma construção retórica do

⁷ RACIONAIS MC’S, op. cit., faixa 3, nota 3.

⁸ Ibid., faixa 3.

⁹ Amarino Oliveira de Queiroz, em “Griots, cantadores e rappers: do fundamento do verbo às performances da palavra”, mostra que o rap “constituiu-se fundamentalmente como um desdobramento natural efetivado entre a tradição oral africana, trazida ao continente americano durante séculos de forçada e violenta migração, e a tradição autóctone das Américas”; mistura que ainda se foi mesclando com a música eletrônica e outras influências até chegar ao que conhecemos hoje. QUEIROZ, Amarino Oliveira de. Griots, cantadores e rappers: do fundamento do verbo às performances da palavra. In: DUARTE, Zileide (Org.). *Áfricas de África*. Recife: Programa de Pós-Graduação em Letras/UFPE, 2005. p. 13.

¹⁰ QUEIROZ, op. cit., p. 11, nota 9

¹¹ Ibid., p. 11.

¹² Sobre as CEB’s, uma leitura básica é: BETTO, Frei. *O que é Comunidade Eclesial de Base*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

¹³ OTTMANN, Goetz. Entre a fluidez e a unidade: o que é local no Hip-Hop brasileiro? Disponível em: <http://imaginario.com.br/artigo/a0061_a0090/a0085.shtml>. Acesso em: 15 jul. 2006. p. 1.

¹⁴ OTTMANN, op. cit., p. 1, nota 13.

discurso dos Racionais “à moda religiosa”. Em nossas audições/leituras, percebemos que seus rap’s utilizam elementos semelhantes aos que são utilizados nos sermões – gêneros textuais provenientes do discurso religioso e persuasórios por excelência. A utilização oral desse instrumento remonta à Idade Média, quando, de acordo com Jacques Le Goff, articulava-se em torno de “três espécies de provas: as *auctoritates*, as *rationes* e os *exempla*”¹⁵. As *auctoritates* eram essencialmente citações das Escrituras, atualizadas e comentadas; as *rationes* eram as verdades racionais eternas, como a supremacia do bem em relação ao mal; e os *exempla*, as comprovações, que mostram o sofrimento daqueles que ignoram as *auctoritates* e as *rationes*.

Conforme Heinrich Lausberg, nos seus *Elementos de retórica literária*, o *exemplum* “consiste num facto fixado historicamente (ou mitologicamente, ou literariamente) o qual é posto em comparação com o pensamento propriamente dito”¹⁶. É uma narração geralmente breve e moralizadora de um caso, real ou fictício, que se insere dentro de um sermão ou qualquer outro discurso de convencimento. Conta um fato acontecido a alguém que, por não seguir a norma e os ensinamentos prescritos, sofreu conseqüências negativas; e acaba por servir, então, como modelo a não ser seguido. Assim, a característica principal dos *exempla* é sua função persuasória, o que remonta à Antigüidade greco-latina. De acordo com Jacques Le Goff, esse artifício que era, na Antigüidade, um recurso retórico dos oradores judiciários ou políticos, transformou-se, na Idade Média, ao serviço da Igreja cristã: geralmente incluída num sermão, essa narrativa passou a consistir “numa história que se devia tomar no seu todo como um *objecto*, um *instrumento de ensino e/ou edificação*”.¹⁷

E é justamente a presença dessas narrativas moralizadoras o que nos interessa verificar mais de perto no rap dos Racionais. Como já vimos, o rap paulista foi fortemente influenciado pela igreja católica progressista que, apesar de, sem sombra de dúvida, distinguir-se do catolicismo medieval em diversos aspectos, como no que tange o caráter reacionário, manteve marcas da tradicionalidade em sua constituição:

a) as reuniões das CEB’s, cuja comunicação devia dar-se de forma oral e pictórica, deviam seguir o método criado com base nas Escrituras e chamado “ver-julgar-agir”, em que os problemas eram apresentados,

¹⁵ LE GOFF, Jacques. *O imaginário medieval*. Trad. Manuel Ruas. Lisboa: Estampa, 1994. p. 267-279. Coleção Nova História. p. 124.

¹⁶ LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literária*. Trad. R. M. Rosado Fernandes. 5. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2004. p. 241.

¹⁷ LE GOFF, op. cit., p. 123, grifos do autor, nota 15.

questionados, pensados para que, em seguida, buscassem-se soluções para eles (BETTO, 1986, p. 29-32);

b) tais reuniões organizavam-se em canto de abertura, notícias, leitura e meditação de um texto bíblico, debate a respeito das questões levantadas (o que se parece com um sermão) (BETTO, 1986, p. 56);

c) uma das formas de apresentação dos problemas era exposição dos “fatos da vida” ou de imagens que servissem de espelho social em que o auditório deveria se auto-projetar, observar, analisar e criticar (BETTO, 1986, p. 57) – um recurso que é certamente muito próximo ao *exemplum*;

d) ainda, nos cultos celebrados nas CEB's havia uma atualização do sermão tradicional: o “sermão” coletivo, em que sacerdote e comunidade estabeleciam um diálogo e faziam a crítica do assunto escolhido (BETTO, 1986, p. 64).

Contudo, apesar dessas marcas e da existência dos elementos apontados (*auctoritates, rationes e exempla*) no rap dos Racionais, sabemos que a aproximação entre um elemento popular contemporâneo – o rap – e outro eclesialístico medieval – o sermão – parece, à primeira vista, improcedente. É claro que temos em mente as grandes diferenças existentes entre esses dois discursos: a origem social e histórica, a linguagem, os objetivos, a orientação da mensagem persuasória. Mais do que convergências e divergências, o que precisamos esclarecer é que de forma alguma analisaremos o trabalho dos Racionais como uma modalidade do sermão medieval; outrossim, não tomaremos necessariamente o estudo de Le Goff como instrumento de análise do rap. Apenas remontaremos a essas fontes justamente para traçarmos um dos “berços” do uso dos *exempla* como narrativas de intenção persuasória e, por isso mesmo, para termos um ponto de partida que nos indique suas características genológicas primitivas que podem ou não coincidir com as do rap.¹⁸

Entendidas e aceitas essas ressalvas, podemos passar à observação dos exemplos confeccionados pelos Racionais. Como essa utilização tem sua razão de ser na orientação missionária do grupo, por querer convencer seu público a abandonar as drogas e o crime, tomaremos como objeto de análise o rap “Capítulo 4, versículo 3”, a terceira faixa do quarto CD do grupo, *Sobrevivendo no inferno*¹⁹, lançado no final de 1997. Essa escolha

¹⁸ E caso haja coincidências, não procuraremos tratá-las como influência direta do gênero medieval.

¹⁹ A respeito desse álbum, Bruno Zeni, em “O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva”, comenta: “[...] composto de doze faixas, mais de setenta minutos de som – uma mistura de música e poesia bruta, vinhetas, samplers (apropriações e colagens sonoras), letras agressivas declamadas de forma ritmada em composições extensas, [...] o disco é

justifica-se não somente por apresentar o elemento “exemplar”, mas também por pertencer, como já vimos, ao trabalho a partir do qual o discurso dos Racionais muda de tom, torna-se “violentamente pacífico”²⁰: é em “Capítulo 4, versículo 3” que temos uma das músicas mais fortes dos Racionais, na qual se explicitam os embates entre o bem/bom e o mal/mau, a intenção messiânica e todos os problemas que o grupo identifica no universo negro-periférico. O rap³¹ inicia-se com a estatística dessa realidade-

uma crônica virulenta sobre o cotidiano dos moradores da periferia de São Paulo, especialmente sobre o convívio diário com a violência, as drogas, as armas e a morte na zona sul da cidade (onde nasceram e moram dois integrantes do grupo, Mano Brown e Ice Blue [...]). ZENI, Bruno. O negro drama do rap: entre a lei do cão e a lei da selva. Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo.php>>. Acesso em: 15 jul. 2006. p. 9-10.

²⁰ RACIONAIS MC'S, op. cit., faixa 3, nota 3.

²¹ No corpo do texto, apontaremos apenas os trechos do rap que servem à análise do *exemplum*. Aliás, é uma letra “não-oficial” (como os trechos de outras músicas que citaremos), transcrita por meio das audições do rap, já que o CD do grupo não traz encarte. Tomo, ainda, essa última informação para justificar a ausência de barras entre o que seriam os versos da canção, por não sabermos exatamente em que ponto eles começam ou findam. A letra na íntegra é a que segue: “60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial. A cada quatro pessoas mortas pela polícia três são negras. Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros. A cada quatro horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo. Aqui quem fala é Primo Preto, mais um sobrevivente. Minha intenção é ruim, esvazia o lugar. Eu tô em cima, eu tô a fim, um, dois pra atirar. Eu sou bem pior do que você tá vendo, o preto aqui não tem dó, é cem por cento veneno. A primeira faz bum, a segunda faz pá. Eu tenho uma missão e não vou parar. Meu estilo é pesado e faz tremer o chão, minha palavra vale um tiro eu tenho muito munição. Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além, e tenho disposição pro mal e pro bem. Talvez eu seja um sádico, um anjo, um mágico, juiz ou réu, um bandido do céu, malandro ou otário, quase sanguinário, franco atrador se for necessário, revolucionário insano, um marginal, antigo e moderno, imortal, fronteira do céu com o inferno, astral imprevisível, como um ataque cardíaco do verso, violentamente pacífico, verídico. Vim pra sabotar seu raciocínio, vim pra abalar o seu sistema nervoso e sanguíneo. Pra mim ainda é pouco, dá cachorro louco, número um, guia terrorista da periferia. Uni-duni-tê, o que eu tenho pra você: um rap venenoso é uma rajada de PT e a profecia se fez como previsto: Um, nove, nove, sete, depois de Cristo, a fúria negra ressuscita outra vez: Racionais, capítulo 4, versículo 3. Aleluia... Aleluia... Racionais. No ar, filhas da puta! Pá! Pá! Pá! Faz frio em São Paulo, pra mim tá sempre bom, eu tô na rua de bombeta e moletom. Dím, dím, dom, rap é o som que emana no opala marrom. E aí, chama o Guilherme, chama o Vanio, chama o Dinho e o Di. Marquinho chama o Éder, vamo aí. Se os outros manos vem, pela ordem tudo bem, melhor, quem é quem no bilhar, no dominó. Colô dois mano, um acenou pra mim, de jaco de cetim, de tênis, calça jeans. Ei, Brown. Sai fora, nem vai, nem cola, não vale a pena dar idéia nesses tipo aí. Ontem à noite eu vi, na beira do asfalto, tragando a morte, soprando a vida pro alto. Ô os cara, só a pó, pele o osso, no fundo do poço, mó flagrante no bolso. Veja bem, ninguém é mais que ninguém, veja bem, veja bem, eles são nosso irmãos também. Mas de cocaína e crack, whisky e conhaque os manos morrem rapidinho sem lugar de destaque. Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem fuma, nem dá, nunca te dei porra nenhuma. Você fuma o que tem, entope o nariz, bebe tudo o que vê, faça o diabo feliz. Você vai terminar tipo o outro mano lá que era um preto tipo A e nem entrava numa: mó estilo de calça Calvin Klein e tênis Puma, um jeito humilde de ser, no trampo e no rolê, curtia um funk, jogava uma bola, buscava a preta dele no portão da escola. Um exemplo pra nós, mó moral, mó ibope. Mas começou a colar com os branquinhos do shopping. Aí, já era... Ih mano, outra vida, outro pique e só mina de elite, balada, vários drink, puta de butique, toda aquela porra, sexo sem limite, sodoma e gomorra. Faz uns nove anos... Tem uns quinze dias atrás eu vi o mano, cê tem que vê, pedindo cigarro pros tiozinho no ponto, dente tudo zoado bolso sem nenhum conto, o cara cheira mal, as zinha sente medo. Muito louco de sei lá

de, dialogando com as manchetes de jornal: “60% dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial. A cada quatro pessoas mortas pela polícia três são negras. Nas universidades brasileiras apenas 2% dos alunos são negros. A cada quatro horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo.”²²

Em seguida, tem-se a ratificação da intencionalidade missionário-messiânica (“Eu tenho uma missão e não vou parar. Meu estilo é pesado e faz tremer o chão. Minha palavra vale um tiro, eu tenho muita munição”²³), em que se apresentam elementos que reforçam a dualidade alto/baixo, divino/mundano, ao se misturarem termos religiosos e bélicos, entre outros, o que revela a heterogeneidade do seu discurso:

Na queda ou na ascensão, minha atitude vai além
E tenho disposição pro mal e pro bem
Talvez eu seja um sádico um anjo
Um mágico ou juiz ou réu

o quê, logo cedo. Agora não oferece mais perigo: viciado, doente, fudido, inofensivo. Um dia um PM negro veio me embaçar e disse pra eu me por no meu lugar. Eu vejo um mano nessas condições não dá, será assim que eu deveria estar? Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor, pelo rádio, jornal, revista e outdoor te oferece dinheiro, conversa com calma, contamina seu caráter, rouba sua alma, depois te joga na merda sozinho, transforma um preto tipo A num neguinho. Minha palavra alivia sua dor, ilumina minha alma, louvado seja o meu Senhor que não deixa o mano aqui desandar. Ah! E nem sentar o dedo em nenhum pilantra. Mas que nenhum filha da puta ignore a minha lei: Racionais, capítulo 4, versículo 3. Quatro minutos se passaram e ninguém viu o monstro que nasceu em algum lugar do Brasil. Talvez o mano que trampa de baixo de um carro, sujo de óleo, que enquadra o carro forte na febre com sangue nos olhos, o mano que entrega envelope o dia inteiro no sol ou o que vende chocolate de farol em farol, talvez o cara que defende pobre no tribunal ou que procura vida nova na condicional, alguém num quarto de madeira lendo à luz de vela, ouvindo um rádio velho no fundo de uma cela ou da família real, de negro como eu sou, o príncipe guerreiro que defende o gol. E eu não mudo, mas eu não me iludo. Os mano eu de burro têm, eu sei de tudo. Em troca de dinheiro e um carro bom tem mano que rebola e usa até batom. Vários patricios falam merda pra todo mundo rir. Ha! Ha! Pra ver branquinho aplaudir. É, na sua área tem fulano até pior, cada um, cada um, você se sente só, tem mano que te aponta uma pistola e fala sério explode sua cara por um toca fita velho. Click, plá, plá, plá! E acabou sem dó e sem dor, foda-se sua cor. Limpa o sangue com a camisa e manda se fuder. Você sabe por quê? Pra onde vai, pra quê? Vai de bar em bar, esquina em esquina, pegar 50 conto, trocar por cocaína. Enfim o filme acabou pra você, a bala não é de festim, aqui não tem dublê. Vários manos da Baixada Fluminense à Ceilândia, eu sei, as ruas não são como a Disneylândia, de Guaianases ao extremo sul de Santo Amaro, ser um preto tipo A custa caro. É foda, foda é assistir a propaganda e ver, não dá pra ter aquilo pra você, playboy forjado de brinco, um trouxa, roubado dentro do carro na avenida Rebouças, correntinha das moças, as madame de bolsa, dinheiro. Não tive pai, não sou herdeiro. Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal por menos de um real, minha chance era pouca, mas se eu fosse aquele moleque de tóca que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca, de quebrada, sem roupa, você e sua mina, um, dois! Nem me viu, já sumi na neblina. Mas não, permaneço vivo, não sigo a mística, vinte e sete anos contrariando a estatística. Seu comercial de TV não me engana, eu não preciso de status nem fama, seu carro e sua grana já não me seduz e nem a sua puta de olhos azuis. Eu sou apenas um rapaz latino-americano, apoiado por mais de 50 mil manos. Efeito colateral que o seu sistema fez. Racionais, capítulo 4, versículo 3.” Ibid., faixa 3.

²² Ibid., faixa 3.

²³ Ibid., faixa 3.

Um bandido do céu
Malandro ou otário, quase sanguinário
Franco atirador se for necessário
Revolucionário insano ou marginal
Antigo e moderno, imortal
Fronteira do céu com o inferno³³⁴

Logo em seqüência, temos o trecho em que se insere o exemplo:

Ontem à noite eu vi, na beira do asfalto
Tragando a morte, soprando a vida pro alto
Ó os cara, só a pó, pele o osso, no fundo do poço
Mó flagrante no bolso
Veja bem, ninguém é mais que ninguém
Veja bem, veja bem, e eles são nosso irmãos também
Mas de cocaína e crack, whisky e conhaque
Os manos morrem rapidinho sem lugar de destaque
Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem fuma
Nem dá. Nunca te dei porra nenhuma
Você fuma o que vem , entope o nariz
Bebe tudo o que vê. Faça o diabo feliz
Você vai terminar tipo o outro mano lá
Que era um preto tipo A e nem entrava numa
Mó estilo de calça Calvin Klein e tênis Puma
Um jeito humilde de ser, no trampo e no rolê
Curtia um funk, jogava uma bola
Buscava a preta dele no portão da escola
Um exemplo pra nós, mó moral, mó ibope
Mas começou colar com os branquinhos do shopping
Aí já era
Ih, mano, outra vida outro pique
E só mina de elite, balada vários drink
Putá de butique, toda aquela porra
Sexo sem limite, Sodoma e Gomorra
Hã... faz uns nove anos...
Tem uns quinze dias atrás eu vi o mano
Cê tem que ver, pedindo cigarro pros tiozinho no ponto
Dente tudo zoadado, bolso sem nenhum conto
O cara cheira mal, as zinha sente medo
Muito louco de sei lá o quê, logo cedo
Agora não oferece mais perigo:
Viciado, doente, fudido, inofensivo
Um dia um PM negro veio me embaçar

²⁴ Ibid., faixa 3.

E disse pra eu me por no meu lugar
Eu vejo um mano nessas condições não dá
Será assim que eu deveria estar?
Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor
Pelo rádio, jornal, revista e outdoor
Te oferece dinheiro, conversa com calma
Contamina seu caráter rouba sua alma
Depois te joga na merda sozinho
É, transforma um preto tipo A num neguinho
Minha palavra alivia sua dor, ilumina minha alma
Louvado seja o meu senhor
Que não deixa o mano aqui desandar
Ah, e nem sentar o dedo em nenhum pilantra
Mas que nenhum filha da puta ignore a minha lei
Racionais. Capítulo 4, versículo 3
Aleluia... Aleluia...²⁵

E a canção continua ainda a crítica a certos comportamentos e a pregação, literal, contra aqueles que se deixam iludir e corromper por dinheiro, drogas, luxo, sexo e fama. Para esses, as conseqüências são trágicas e irreversíveis: cadeia ou morte.

Podemos verificar, aqui, aquela aproximação com o discurso persuasório do sermão medieval, à qual nos referimos antes. No “Capítulo 4, versículo 3”, temos *auctoritates* nas freqüentes alusões ao texto bíblico, como em “Minha palavra alivia sua dor, ilumina minha alma. Louvado seja o meu Senhor”, “Aleluia, aleluia...”²⁶; além disso, já o título reflete *auctoritates*, pois, além de ser uma referência à localização do rap na obra dos Racionais (como vimos, “Capítulo 4, versículo 3” é a terceira faixa do quarto CD do grupo), evidencia a recorrência às Escrituras. Também as verdades racionais eternas (*rationes*), sobretudo o bem e o mal, surgem a todo o momento: o bem é representados pelos valores divinos, pela fé, a honestidade, a consciência, a luta contra o sistema socioeconômico; e o mal é o próprio sistema capitalista, o consumismo, as drogas, o tráfico, além da inveja, da corrupção e da ganância. Por fim, o exemplo, a comprovação que mostra um modelo de comportamento que não deve ser seguido: no rap em análise, Mano Brown narra o sofrimento do “mano” que não se guiou pelas *auctoritates* e *rationes*, errou e sofreu conseqüências negativas.

²⁵ Ibid., faixa 3, grifo nosso.

²⁶ Ibid., faixa 3.

Vejamos, então, como se organiza retoricamente esse exemplo. Primeiramente, acentua-se o comportamento inadequado: “Ih, mano, outra vida outro pique. E só mina de elite, balada vários drink. Puta de butique, toda aquela porra. Sexo sem limite, Sodoma e Gomorra.”²⁷ Em seguida, como todo texto argumentativo (ainda que sob a pele da narrativa), a reflexão sobre o problema passa pela verificação das causas e a análise das conseqüências para chegar à sugestão de soluções. Eis, de acordo com os Racionais, as causas e conseqüências dos “desviados”:

Mas de cocaína e crack, whisky e conhaque
Os manos morrem rapidinho sem lugar de destaque
[...] começou colar com os branquinhos do shopping
Aí já era
[...]
Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor
Pelo rádio, jornal, revista e outdoor
Te oferece dinheiro, conversa com calma
Contamina seu caráter rouba sua alma
Depois te joga na merda sozinho
É, transforma um preto tipo A num neguinho²⁸

Por último, a solução: seguir os ensinamentos do rap. Aqui, percebe-se claramente a intenção messiânica do grupo: Mano Brown isenta-se do papel de inquisidor (“Veja bem, ninguém é mais que ninguém. Veja bem, veja bem, e eles são nossos irmãos também. [...] Mas quem sou eu pra falar de quem cheira ou quem fuma”²⁹) e se apresenta como aquele que pode ajudar seus “manos” e mostrar-lhes o caminho da “salvação”: “Minha palavra alivia sua dor, ilumina minha alma. Louvado seja o meu senhor, que não deixa o mano aqui desandar.”³⁰

Outra das peculiaridades formais do *exemplum* tradicional que permanece nessa música dos Racionais é o fato de a ação narrada situar-se num passado próximo: Brown relata que vira, no dia anterior à narração (“Ontem à noite eu vi, na beira do asfalto”³¹) um grupo de jovens consumindo drogas, “soprando a vida pro alto”; depois, afirma fazer “uns nove anos” que aquele “mano” começou a “colar com os branquinhos do shopping” e, viciando-se, deixou de ser um preto tipo A – o modelo positivo; e esse é

²⁷ Ibid., faixa 3.

²⁸ Ibid., faixa 3.

²⁹ Ibid., faixa 3.

³⁰ Ibid., faixa 3.

³¹ Ibid., faixa 3.

o mesmo “mano” que, “quinze dias atrás”, Brown tinha visto comprando mais droga com os “tiozinho no ponto”³². De acordo com Le Goff, essa ênfase no caráter contemporâneo da história posta em relevo denota que,

[...] ao contrário do prestígio do passado (e da eternidade), que caracteriza o tempo das autoridades e das razões, o tempo do *exemplum* vai buscar uma das suas forças de persuasão ao seu caráter recente. Já Gregório Magno, pai do *exemplum* medieval, conferira a estas historietas o selo do presente ao basear o apostolado em narrativas verificáveis oralmente por um auditório ao qual o escrito e o passado transmitido pelo escrito eram inacessíveis. [...] Afirma-se um tempo da história recente, alcançado pela experiência visual ou auditiva (eu vi, eu ouvi – é o método de Heródoto) e por intermédio da memória oral.³⁴³

Vale destacar que, da mesma forma que o auditório de Gregório Magno, ao público dos Racionais geralmente também são inacessíveis a cultura e o conhecimento via escrita. E o grupo tanto sabe da importância da oralidade (e da música, por conseguinte) na cultura popular que seus CD's não possuem encarte, são como um “livro oral”. Desse modo, a menção ao ato de fala/escuta (“Aqui quem fala é primo preto”, “Ontem à noite eu vi, na beira do asfalto”, “Tem uns quinze dias atrás eu vi o mano”, “Um dia um PM negro veio me embaçar e disse pra eu me por no meu lugar”, “Minha palavra alivia sua dor”³⁴), que destaca a realidade e a cotidianidade dos acontecimentos, é fundamental para aceder ao imaginário popular coletivo.

Além dessas aproximações com o discurso antigo e medieval, podemos perceber também algumas particularidades, em relação ao *exemplum* tradicional, do rap dos Racionais. A primeira delas é, como já notamos, a linguagem empregada, que foge aos “eruditismos” presentes nos sermões religiosos e que se iguala ao falar cotidiano dos seus ouvintes, justamente para que a mensagem seja entendida por eles como fruto da sua mesma vivência; pois, como disse Mano Brown numa de suas raras entrevistas, seu rap não é para “playboy” ou para “sociólogo” ver, mas para que seus “manos” de favela escutem, entendam, reflitam sobre seus problemas e busquem transformá-los – uma comunicação da massa com a massa.³⁴⁵

³² Ibid., faixa 3.

³³ Ibid., faixa 3.

³⁴ Ibid., faixa 3.

³⁵ NOVAES, Regina. Hip-Hop: o que há de novo? *Proposta: revista trimestral de debate da FASE*, ano 30, p. 66-83, 1990. p. 69

Em relação ao exemplo, os Racionais não somente colocam em cena o tipo negativo a não ser seguido, como mostram a vida anterior desse personagem, relatando a passagem de uma vida digna, honesta e exemplar – no sentido positivo – à sua degradação moral e física; a transformação de um “preto tipo A” (bom exemplo) em um “neguinho” (mau exemplo):

Você fuma o que vem , entope o nariz
Bebe tudo o que vê. Faça o diabo feliz
Você vai terminar tipo o outro mano lá
Que era um preto tipo A e nem entrava numa
Mó estilo de calça Calvin Klein e tênis Puma
Um jeito humilde de ser, no trampo e no rolê
Curtia um funk, jogava uma bola
Buscava a preta dele no portão da escola
Um exemplo pra nós, mó moral, mó ibope
Mas começou colar com os branquinhos do shopping
Aí já era
[...]
Hã... faz uns nove anos...
Tem uns quinze dias atrás eu vi o mano
Cê tem que ver, pedindo cigarro pros tiozinho no ponto
Dente tudo zoadado, bolso sem nenhum conto
O cara cheira mal, as zinha sente medo
Muito louco de sei lá o quê, logo cedo
Agora não oferece mais perigo:
Viciado, doente, fudido, inofensivo³⁶

Em contraponto, os próprios integrantes do grupo se classificam como bons exemplos. Revelam que, como seus “manos” de periferia, poderiam ter tido outro caminho e entrado no mundo do crime; porém, preferiram buscar na valorização de sua cultura uma saída. Nessa palavra-cantada é Mano Brown que dá o testemunho, colocando-se como modelo a ser seguido:

Não tive pai, não sou herdeiro.
Se eu fosse aquele cara que se humilha no sinal
por menos de um real, minha chance era pouca.
Mas se eu fosse aquele moleque de tôca
que engatilha e enfia o cano dentro da sua boca,
de quebrada, sem roupa, você e sua mina, um, dois!

³⁶ RACIONAIS MC'S, op. cit., faixa 3, grifo nosso, nota 3.

Nem me viu, já sumi na neblina.
Mas não, permaneço vivo, não sigo a mística,
vinte e sete anos contrariando a estatística.
Seu comercial de TV não me engana,
eu não preciso de status nem fama,
seu carro e sua grana já não me seduz
e nem a sua puta de olhos azuis.
Eu sou apenas um rapaz latino-americano,
apoiado por mais de 50 mil manos.
Efeito colateral que o seu sistema fez.
Racionais, capítulo 4, versículo 3.³⁷

Com isso, Brown deixa claro que é possível resistir às tentações do consumo, do vício, das luxúrias e luxuosidades regadas a dinheiro, drogas e álcool. A saída é a música, a conscientização, a vida em comunidade. Mas, se mesmo assim alguém quiser ignorar a sua “lei”, acabará como aquele “mano” que era “mó exemplo” e acabou morrendo “rapidinho sem lugar de destaque”, sem oferecer perigo ao sistema, deixando de ser mais um na luta contra as drogas, o crime, o tráfico e a exclusão da cultura negra.

Destarte, o exemplo dos Racionais ilustra de maneira trágica o modelo preterido e valoriza enfaticamente a lição a ser seguida pelos ouvintes. Pode-se concluir, então, que, tal como o recurso à história exemplar teve, noutras épocas, uma funcionalidade argumentativa, também a tem no “Capítulo 4, versículo 3” – guardadas, obviamente, as devidas diferenças já apontadas aqui. O *exemplum*, mediado pelas *auctoritates* e *rationes*, crítica o(s) comportamento(s) inadequado(s) não somente “para pôr à prova o ouvinte”³⁸, levando-o a uma reflexão sobre seus atos, mas, como mostra Le Goff, sobretudo para provocar uma imediata “conversão” e, conseqüentemente, coletivizar um ensinamento moral ou norma de conduta.

A história, narrada na sucessividade do conto e historicamente situada numa realidade temporal em geral próxima, deve conduzir à eternidade – prometida ao ouvinte do *exemplum* se este souber extrair por si próprio a lição. Mas num primeiro tempo o conto exemplar deve provocar no ouvinte um *acontecimento* decisivo para a sua salvação futura: a sua *conversão*. O *exemplum* é um instrumento de conversão e esta conversão deve efectuar-se imediatamente. O pregador chama, freqüentemente, o seu auditório a extrair *hodie* a lição encerrada no sermão e nos *exempla* que contém.³⁹

³⁷ Ibid., faixa 3.

³⁸ LAUSBERG, op. cit., p. 247, nota 16.

³⁹ LE GOFF, op. cit., p. 126, grifos do autor, nota 15.

Entretanto, se no medievo, com a exemplificação da má conduta de certos pecadores, o pregador visava à conversão do seu auditório ao cristianismo, no rap dos Racionais MC's o objetivo é distinto: a conversão visada não é (ou não precisa ser entendida como) religiosa, mas como mudança positiva e crítica em suas atitudes morais, pessoais, sociais e – por que não? – políticas.